

RESUMO:

A autora aborda relações entre imagem e palavra. Registra a possibilidade que cada palavra tem de configurar campos simbólicos, que podem ser posteriormente transformados em formas. Ressalta a importância das estratégias de escrita criativa em Arteterapia para explicitar estas relações e descreve a elaboração de livros feitos à mão, no processo arteterapêutico, como um produtivo instrumento de autoconhecimento.

ABSTRACT:

The authoress approaches the relation that exists between images and words. She registers the possibility of each word to characterize a symbolical field that can become a form. To clarify her point of view, she points out the importance of the strategies of creative writing in Art Therapy. She also describes the making of a handmade book in the art therapeutic process as a productive tool of self-knowledge.

“... o menino aprendeu
a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens
com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.

Foi capaz de interromper o vôo
de um pássaro,
botando ponto final na frase.

Foi capaz de modificar a tarde,
botando uma chave nela.

O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor!”

Manuel de Barros por Manuel de
Barros.



As atividades conhecidas genericamente por “**ESCRITA CRITIVA**” são amplamente utilizadas no processo arteterapêutico.

Neste artigo abordarei algumas destas estratégias, mas priorizando as experimentações imagéticas em torno da palavra, nas quais a consideramos como um estímulo gerador para chegar a processos visuais e plásticos, sonoros e/ou corporais. Assim abordarei a questão da utilização da palavra, além de sua importância como ponte para uma produção literária mais fluente; examinando a função da palavra como fonte geradora na produção de **IMAGENS**. E, nesse contexto, vou considerar cada palavra como uma caixa de ressonâncias e significados, em que cada uma das experimentações, seja com as sonoridades e/ou com seus significados simbólicos, abrirá caminhos para a geração de formas e configurações de afetos, materializados na multiplicidade das modalidades expressivas e plásticas.

Uma forma habitual de utilizar a palavra no processo arteterapêutico é através de processos de desbloqueio criativo, levando quem experimenta a uma condição propiciatória para que suas palavras gerem mais palavras, sendo este caminho propício para a produção e criação de textos e escritas diversas. O que certamente é um bom exercício criativo, pois esse tipo de escrita costuma resultar em benéfico e silencioso diálogo entre quem escreve e aspectos de sua vida psíquica menos conscientes.

Mas aqui vou preferir enfatizar a palavra como instrumento de produção de imagens. Deste modo, uma sucessão de palavras, tendo ou não significados reconhecidos, através de uma cadeia de associações livres, poderá gerar grupo de imagens, que, por sua vez, gerarão outras novas imagens. A prosódia, que é a musicalidade natural presente na linguagem verbal, já nos encaminha naturalmente para esse tipo de associação e produção simbólica. E também os tons, timbres e sonoridades de cada voz que já são suficientes, se observados com cuidado e atenção, para facilitar algumas dessas trilhas associativas.

Cruz e Souza, em sua poesia, nos deixou o legado saboroso do célebre verso: “**...vozes veladas, veludas vozes**”, e trechos como este podem mobilizar impressões a partir de sua sonoridade e de sua própria prosódia, constituída apenas da repetição de quatro palavras. Mas... esta série de quatro palavras, a quantos territórios simbólicos bastante interessantes pode nos levar?

Gosto de utilizar no processo arteterapêutico o jogo simbólico propiciado **entre e através**, segmentos que compõem palavras, como por exemplo: **IN-AUGUR-AÇÃO**, palavra composta por três significados distintos, que em seus três segmentos nos dá o sentido geral de “**colocar dentro o augúrio**”. Como na linguagem cotidiana nem sempre paramos para examinar as palavras etimologicamente, deixamos de ter claro e presente, seus reais significados e algumas de suas possibilidades simbólicas não aparentes à primeira vista.

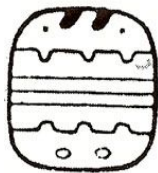
Às vezes uma única palavra pode estar “**grávida de significados**”. Assim, nos processos de escrita criativa, costumo também, dependendo do contexto e campo simbólico abrangido, trabalhar os múltiplos significados e imagens de uma mesma palavra, partindo da percepção de que uma palavra é como uma caixa que contém múltiplas potencialidades simbólicas.

Estas possibilidades podem ser desveladas e exploradas aos poucos, e estas descobertas são guiadas através da produção de imagens diversas, com a ajuda de transposição de linguagens expressivas. Para propiciar este tipo de construção simbólica considero que algumas palavras são especialmente férteis tais como: **encantamentos, celebrações, caleidoscópios, memórias...** E, naturalmente, cada arteterapeuta e cliente, a partir de suas subjetividades, construirão sua própria lista.

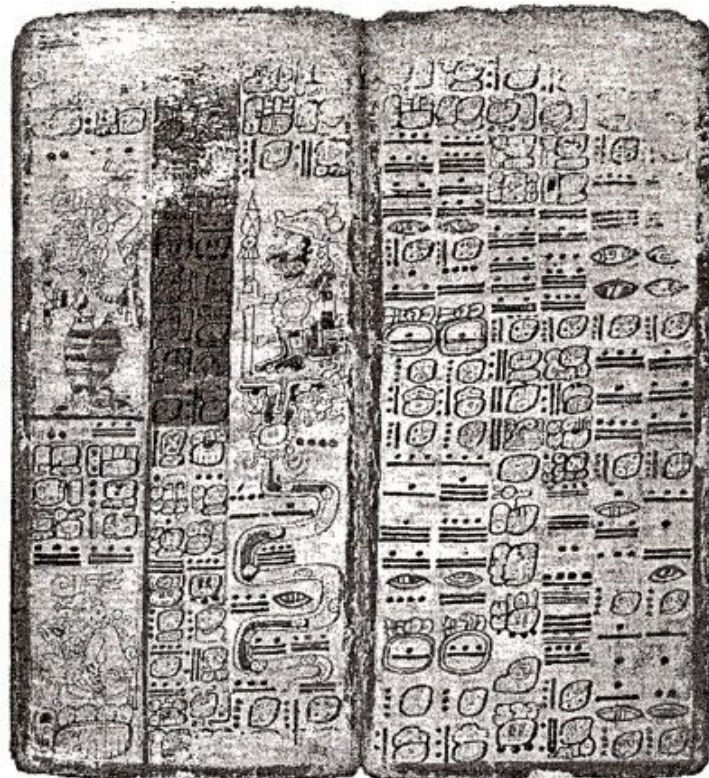
Outra estratégia que considero bastante produtiva terapeuticamente, além desta de convidar o cliente a visitar a palavra nas suas raízes (etimologia), é retornar às origens ainda mais primordiais, a forma visual da palavra, sua configuração básica, “**o**

desenho” daquele som, presente desde tempos imemoriais, como atestam os registros dos mitogramas, pictogramas, e, ainda hoje, em tempos contemporâneos, nas configurações dos ideogramas da escrita oriental.

No filme “O Décimo Terceiro Guerreiro” o ator Antonio Banderas, representa um poeta muçulmano que viajava à terras distantes, consideradas bárbaras pelo Califa a quem servia e, sua função, além de escrever poesias, era transmitir notícias e fazer negociações comerciais. Em um dos trechos do filme há um diálogo bastante significativo em que um dos Chefes Tribais, que não escrevia e considerado naquele contexto como povo bárbaro, após um tempo de convivência pergunta: “*Então, você é aquele que desenha os sons?*”



Codex de Dresden (abaixo) é o mais importante, belo e complexo dos livros maias. Cinco a oito escribas participaram da composição do livro. Os livros produzidos pela civilização sul-americana maia mostram a sofisticação de sua cultura, e têm uma estreita relação com o trabalho de pintores japoneses. Ao lado, o pictograma “HUN” (livro, representando folhas de papel entre pele de jaguar, usado como capa dos livros).



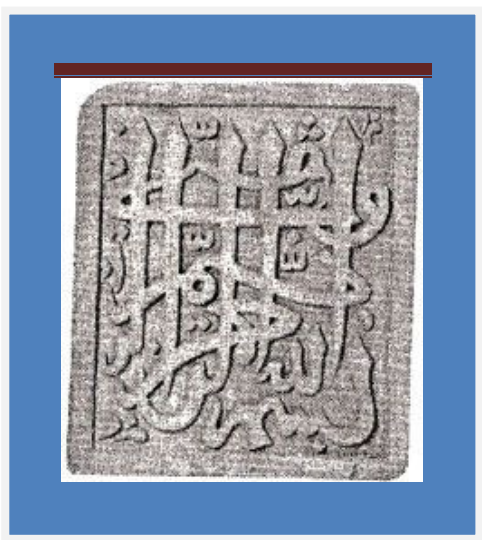
Esta cena tem para mim um profundo significado, pois penso mesmo na escrita como um desenho de sons, às vezes de sons externos, dos que se escuta e dos que nos falam, mas, às vezes, é uma escrita ou desenho de sons internos, afetos, impressões e

expressões difusas, capturadas e configuradas pela grafia. Como bem nos lembra Clarice Lispector: “A palavra é uma isca para pegar aquilo que é ‘não-palavra’ e quando conseguimos, a palavra cumpriu sua missão...”

Roland Barthes produziu uma mostra individual de seu processo criativo com uma fase expressiva em que ia gradualmente desconstruindo a forma da palavra, para transformá-la em imagem, através da mediação da cor, e ia materializando sua experiência por meio de escritas diversas e de grafismos coloridos que se transformavam depois em manchas e pingos.



Habitualmente grafiteiros e pichadores fazem este mesmo trânsito entre palavra e imagem, quando repetem sua rubrica. Seus grafismos são representados como um registro de logomarca e essa marca funcionará como um pictograma ou um “*ex-libris*” (ícones representativos de propriedade de um determinado indivíduo, para serem carimbados ou colados em livros e outros pertences pessoais), só que no caso dele é “**carimbado**” nas paredes.



A palavra como imagem está particularmente presente na cultura árabe onde a escrita é forma de manifestar devoção religiosa e temos a caligrafia, palavra formada pelo segmento **cali** = **belo** e grafia = escrita, como representação de uma expressão artística tão aperfeiçoada que através dela se louva a Deus.

Considero que a escrita tem uma importante função no processo arteterapêutico: **escrever para compreender a si mesmo...** Pois as palavras guardam em sua essência imagens diversas, que podem surgir em associações livres, produtos da singularidade e da subjetividade de cada um. E, neste contexto, palavras são fontes geradoras, fornecem o fio de Ariadne para a saída de labirintos, e matéria-prima para significativas mutações psíquicas.

Para auxiliar estes processos de auto-descoberta, outra possibilidade que considero extremamente produtiva é usar os materiais expressivos e plásticos para

concretizar um livro especial e precioso. Como cada palavra escrita tem sua sonoridade e seu campo simbólico, poderá ser concretizada de formas diversas. Assim, gradativamente, um livro vai surgindo página por página, até a confecção da capa, que é a fase final deste processo. Estes processos de escrita criativa para construção de **“livros feitos à mão”** são chamados de *“self-books”*.

A construção desses livros nasce da mescla entre afetos, sonoridade (palavras e melodias) e subjetividade, pela mediação da materialidade das formas dos recursos plásticos e do colorido das imagens, sendo sua aplicação terapêutica produtiva em muitas situações. O simbolismo no processo de construção num **“livro feito à mão”** é muito rico e abrange desde o significado das imagens escolhidas, passando pelas mensagens das legendas, até a escolha dos tipos de materiais plásticos escolhidos para a capa e para o interior do livro.

Os relatos surgidos nos processos arteterapêuticos fornecem o contexto, continente e alguns dos temas mais freqüentes que vejo surgir são intitulados como:

Livro dos Prazeres;

Livro do Feminino;

Meu Mundo;

Meus Projetos;

Ah, se eu pudesse...!;

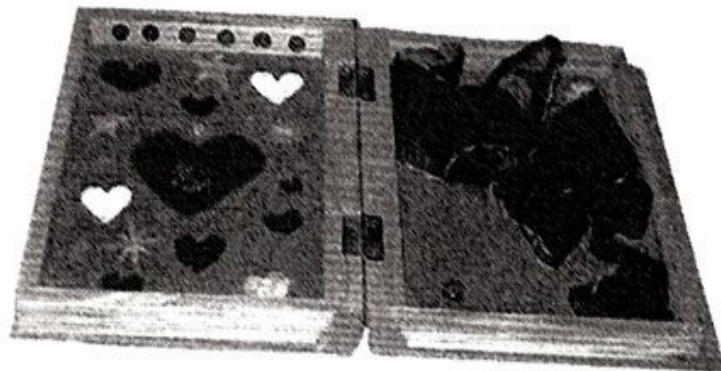
Quando eu crescer...!;

Eu gosto quando...;

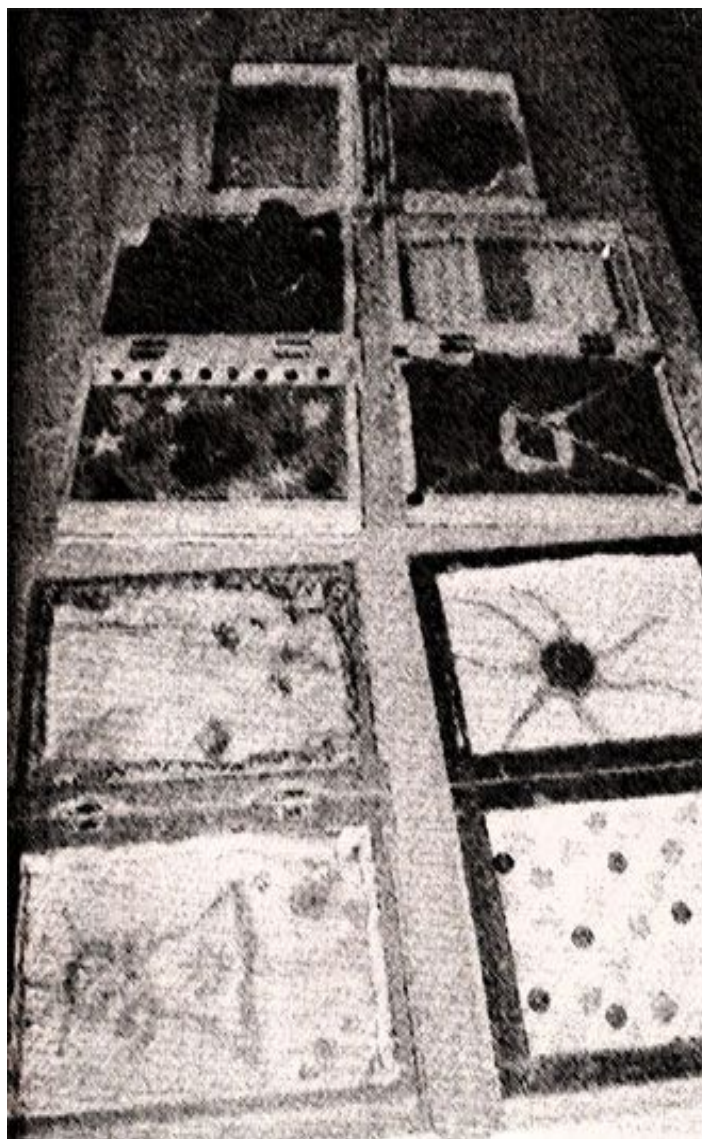
Sabores da Infância;

Memórias...

Em realidade, existe uma infinidade de outros temas, tantos quantos as subjetividades necessitarem se expressar, mas, na minha prática como Arteterapeuta estes foram os temas que mais se repetiram.



Um “Livro feito a mão” é uma delicada construção artesanal, que requer atenção, paciência, convidando a memória a revisitar um tempo ancestral em que livros eram elaborados página por página, manualmente. Movimentam aspectos arquetípicos em sua construção e o material que tenho visto causar mais impacto positivo nos clientes, para este tipo de construção expressiva foi o pano, talvez pelas possibilidades da textura dos tecidos ativar sensorialidades e reminiscências vinculadas à



ESCRITA CRIATIVA

Concluindo, em Arteterapia, a codificação de emoções e afetos pela palavra corresponde a mais uma, entre inúmeras, possibilidades expressivas de acesso ao inconsciente, oferecendo canal e continente para sentimentos difusos e muitas vezes desconhecidos.

Deste modo, a **Escrita Criativa** em Arteterapia não representa exercício de gramática e ortografia, mas apenas um produtivo recurso para ativação do processo criador, e uma possibilidade de configurar novas informações na consciência. A escrita oferece meios de estabelecer um efetivo diálogo silencioso do indivíduo e fragmentos seus muitas vezes sombrios e desconhecidos, que, em cada releitura destes textos produzidos, tornam-se mais claros, pois, gradualmente os significados vão sendo apreendidos pela consciência. Assim, no processo arteterapêutico a escrita estabelece as pontes entre os processos primários e secundários de elaboração psíquica, oferecendo vias de acesso para que os conteúdos inconscientes aflorem à consciência.

Outras estratégias abrangidas pela escrita são: livre associação sobre imagens plásticas produzidas e posterior codificação pela escrita, catalogação de imagens através de títulos e criação de textos, a partir desses escritos incidentais. Outras possibilidades são desdobradas a partir da estimulação e desbloqueio do processo criador, através de processos de imaginação ativa, elaborados a partir de textos, poemas, contos e fábulas, desde que mantenham a conexão ao campo simbólico presente no processo arteterapêutico, para que possam surgir novas imagens, que posteriormente gerarão outros textos próprios.

Outras alternativas vão apoiar-se na construção de histórias geradas, a partir de imagens isoladas ou série de imagens que, por sua vez, quando concluídas poderão ser globalizadas em uma imagem síntese, que também poderá gerar novas histórias em processo alternado e cíclico.

Os meios para combinar palavra e imagem são inúmeros. E mesmo quando o cliente atendido não puder fazer uso da escrita por ser analfabeto ou por ter perdido a capacidade psicomotora da escrita, estes recursos serão utilizados com a ajuda do arteterapeuta. No caso do cliente com necessidades especiais na área visual poderão ser agregados materiais com texturas diversas e elementos sonoros e olfativos.

1- **ANGELA PHILIPPINI** é psicóloga CRP 05/1421, arteterapeuta, artista plástica, diretora da Clínica POMAR de Arteterapia, Master em Criatividade pela Universidade de Santiago de Compostela- Espanha, Coordenadora da Pós-graduação em Arteterapia do convênio POMAR/ISEPE, Coordenadora do Conselho Editorial da Revista Imagens da Transformação e Vice-Presidente da Associação de Arteterapia do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

NOVAES, Sylvia Caluby [ET Al]. **Escrituras da imagem**, São Paulo, Fapesp: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

PHILIPPINI, Angela. **Para entender Arteterapia – Cartografias da coragem**, Rio de Janeiro, POMAR, 2000.

BARTHES, Roland. **Um artista aprendiz**, Rio de Janeiro, Editora CCBB, 2002.

1- **ANGELA PHILIPPINI** é psicóloga CRP 05/1421, arteterapeuta, artista plástica, diretora da Clínica POMAR de Arteterapia, Master em Criatividade pela Universidade de Santiago de Compostela- Espanha, Coordenadora da Pós-graduação em Arteterapia do convênio POMAR/ISEPE, Coordenadora do Conselho Editorial da Revista Imagens da Transformação e Vice-Presidente da Associação de Arteterapia do Rio de Janeiro.

